

DESAFIOS ENFRENTADOS PELA ENFERMAGEM NO ACOLHIMENTO, ATENDIMENTO E MANEJO AS CRIANÇAS PORTADORAS DO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

CHALLENGES FACED BY NURSING IN RECEIVING, CARE AND MANAGING CHILDREN WITH AUTISTIC SPECTRUM DISORDER

DESAFÍOS QUE ENFRENTA LA ENFERMERÍA EN LA RECEPCIÓN, CUIDADO Y MANEJO DE NIÑOS CON TRASTORNO DEL ESPECTRO AUTISTA

Ana Paula Rodrigues de Moraes Preto¹

Celena Santos Ribeiro²

Celiane Pinto dos Santos³

Élida Cristina Alves de Santana⁴

Heliene Martins do Carmo Oliveira⁵

Saymon Martin Boaventura⁶

963

RESUMO: Este artigo buscou identificar e discutir os principais desafios enfrentados pela enfermagem no acolhimento, atendimento e manejo de crianças portadoras do Transtorno do Espectro Autista (TEA). Trata-se de uma revisão narrativa da literatura com método descritivo exploratório, realizada por meio da seleção criteriosa de artigos publicados entre 2018 e 2024, disponíveis gratuitamente na Biblioteca Virtual em Saúde (BVS). Foram incluídos estudos que abordaram diretamente o papel da enfermagem no contexto do autismo infantil. Os principais resultados indicaram que os profissionais de enfermagem enfrentam dificuldades relacionadas à comunicação efetiva com as crianças, manejo de crises sensoriais e comportamentais, além de carências em formação especializada e capacitação contínua. Conclui-se que a enfermagem necessita de investimentos constantes em formação acadêmica e treinamento prático especializado para oferecer uma assistência qualificada, integral e humanizada às crianças autistas e suas famílias.

Palavras-chave: Autismo. Atendimento. Enfermagem.

¹Discente de Enfermagem, Centro Universitário Planalto do Distrito Federal (UNIPLAN).

²Discente de Enfermagem, Centro Universitário Planalto do Distrito Federal (UNIPLAN).

³Discente de Enfermagem, Centro Universitário Planalto do Distrito Federal (UNIPLAN).

⁴Discente de Enfermagem, Centro Universitário Planalto do Distrito Federal (UNIPLAN).

⁵Discente de Enfermagem, Centro Universitário Planalto do Distrito Federal (UNIPLAN).

⁶ Acadêmico do curso de enfermagem do Centro Universitário Planalto do Distrito Federal (UNIPLAN).

ABSTRACT: This article aimed to identify and discuss the main challenges faced by nursing professionals in the reception, care, and management of children with Autism Spectrum Disorder (ASD). This is a narrative literature review employing a descriptive-exploratory method, conducted through the careful selection of articles published between 2018 and 2024, freely available in the Virtual Health Library (VHL). Studies that directly addressed the role of nursing in the context of childhood autism were included. The main findings showed that nursing professionals face difficulties related to effective communication with children, managing sensory and behavioral crises, and lack of specialized training and continuous education. It concludes that nursing requires ongoing investment in academic education and specialized practical training to provide qualified, comprehensive, and humane care to autistic children and their families.

Keywords: Autism. Care. Nursing.

RESUMEN: Este artículo tuvo como objetivo identificar y discutir los principales desafíos que enfrentó la enfermería en la recepción, atención y manejo de niños con Trastorno del Espectro Autista (TEA). Se trata de una revisión narrativa de la literatura con método descriptivo exploratorio, realizada mediante la selección cuidadosa de artículos publicados entre 2018 y 2024, disponibles gratuitamente en la Biblioteca Virtual en Salud (BVS). Se incluyeron estudios que abordaron directamente el papel de la enfermería en el contexto del autismo infantil. Los principales resultados indicaron que los profesionales de enfermería enfrentan dificultades relacionadas con la comunicación efectiva con los niños, el manejo de crisis sensoriales y conductuales, además de carencias en formación especializada y capacitación continua. Se concluye que la enfermería necesita inversiones constantes en formación académica y entrenamiento práctico especializado para ofrecer una asistencia cualificada, integral y humanizada a los niños autistas y sus familias.

964

Palabras clave: Autismo. Servicio. Enfermería.

INTRODUÇÃO

A infância é caracterizada por uma série de transformações distintas, marcadas por estágios progressivos de crescimento e desenvolvimento. Trata-se da fase da vida humana em que ocorrem as maiores mudanças e aquisições de habilidades, mas também um período de maior vulnerabilidade e suscetibilidade ao surgimento de doenças, entre as quais se destaca o Transtorno do Espectro Autista (TEA). Esse transtorno compromete o desenvolvimento pleno da criança, afetando principalmente três áreas cognitivas: linguagem, interação social e comportamento, frequentemente marcado por estereotípias. Dada a natureza do TEA, torna-se fundamental a intervenção precoce para o manejo dos sinais e sintomas, bem como o tratamento por uma equipe multidisciplinar (STRAVOGIANNIS AL, 2022).

O autismo é um transtorno do neurodesenvolvimento de caráter permanente, uma vez que não possui cura e suas causas ainda não foram plenamente elucidadas. Entretanto,

pesquisas recentes têm destacado o papel de fatores genéticos em sua etiologia. O termo "autismo" foi mencionado pela primeira vez em 1906 e, ao longo dos anos, sua classificação passou por revisões no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5) (VARELA B; MACHADO PGB, 2016).

Atualmente, o autismo está inserido na categoria do TEA, caracterizado por um desenvolvimento atípico nas áreas de interação social e comunicação, além da presença de um repertório restrito de atividades e interesses, cuja intensidade varia entre os indivíduos. Essas características podem favorecer o isolamento, a dependência e o sofrimento, impactando tanto a dinâmica familiar quanto a sociedade em geral (VARELA B; MACHADO PGB, 2016).

O autismo é uma síndrome que gera estigmas e provoca sofrimento inesperado nas famílias. Sua etiologia permanece desconhecida, o que configura um desafio para a ciência. Entre os possíveis fatores associados à sua causa estão aspectos genéticos, malformações orgânicas, questões imunológicas e condições perinatais, entre outros (ARAÚJO AGR; SILVA MA; ZANON RB, 2023).

A Organização Mundial da Saúde (OMS) utiliza os dados epidemiológicos dos Estados Unidos como referência global, uma vez que não há evidências de que a prevalência do autismo seja específica de determinada região. As estimativas indicam a ocorrência de 1 caso para cada 88 crianças, com uma prevalência significativamente maior em meninos do que em meninas, em uma proporção superior a 4 para 1. No Brasil, estima-se que existam mais de dois milhões de pessoas com autismo, o que reforça a necessidade de que a enfermagem adote uma abordagem cuidadosa e atenta no cuidado dessas crianças (JR WC; NOCE TR, 2014).

Segundo Brasil (2013) o enfermeiro pode desempenhar um papel fundamental na sociedade ao identificar precocemente os sinais e sintomas do TEA, contribuindo para a prevenção de agravos mais graves durante a infância. Esse acompanhamento ocorre por meio das consultas de enfermagem realizadas no âmbito do Programa de Crescimento e Desenvolvimento (CD) para crianças de 0 a 5 anos, estabelecido pelo Ministério da Saúde, que prevê a realização de sete consultas de enfermagem no primeiro ano de vida, duas no segundo ano e uma nos anos subsequentes.

Cabe ao enfermeiro a responsabilidade de realizar o atendimento, a avaliação e a identificação de fatores que possam comprometer o desenvolvimento infantil. O diagnóstico do autismo, por sua vez, é essencialmente clínico e realizado por médicos, com base em

observações comportamentais da criança, bem como em entrevistas com os pais e cuidadores (BRASIL, 2013).

A escolha deste tema foi motivada pela vivência de casos próximos, envolvendo familiares ou amigos de algumas das pesquisadoras, o que despertou o interesse e aprofundou a atenção sobre a relevância do assunto abordado nesta pesquisa. Sendo assim, o objetivo da pesquisa foi evidenciar os principais desafios enfrentados pela enfermagem no acolhimento, atendimento e manejo das crianças com autismo.

MÉTODOS

TIPO DE ESTUDO E QUESTÃO NORTEADORA

Trata-se de uma revisão narrativa da literatura, de método descritivo exploratório, que relaciona e agrega resultados e contextos diversos sobre a temática. Dessa forma, busca-se descrever a realidade através de artigos publicados. Já a parte desta pesquisa listada como exploratória, visa utilizar métodos qualitativos para coletar o máximo de informações possíveis e cabíveis para a pesquisa (TONETTO LM; BRUST-RENCK PG; STEIN LM, 2014).

Logo, a pergunta norteadora foi: Quais os desafios enfrentados pela enfermagem desde o acolhimento ao manejo de crianças com autismo? Desse modo, esta revisão possibilitou uma exploração das fontes disponíveis, contribuindo para a construção de um embasamento teórico amplo.

966

CRITÉRIOS DE INCLUSÃO E EXCLUSÃO

Como critérios de inclusão para a seleção dos estudos foram considerados: estudos que abordavam a temática; redigidos em língua portuguesa; disponível para download, de acesso gratuito e publicados no intervalo de 2018 a 2024, assegurando a seleção das pesquisas recentes sobre o tema. Em contrapartida foram excluídos os estudos que não atendiam ao objetivo da pesquisa, redigidos em línguas estrangeiras, fora do período estipulado, incompletos e que requeressem pagamento para acesso.

BASES DE DADOS E COLETA DE DADOS

A pesquisa foi realizada na base de dados da Biblioteca Virtual em Saúde (BVS). Como estratégias de buscas foram utilizadas as palavras-chave: autismo; atendimento; enfermagem.

Esses termos foram cruzados com o auxílio do operador booleano *AND*, utilizando o método de busca avançada a partir da categorização por título, resumo e assunto (Tabela 1).

Tabela 1. Estratégia de busca utilizada nas bases de dados.

Base de Dados	Estratégia de Busca	Estudos Encontrados
BVS	“autismo” AND “atendimento” AND “enfermagem”	334

Fonte: Autoras da Pesquisa (2024).

ANÁLISE DE DADOS

A análise dos dados seguiu o modelo *Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses* (PRISMA). O PRISMA é reconhecido como um guia padrão que visa promover a transparência e a qualidade na apresentação de revisões (PAGE MJ et al., 2023). A análise dos dados incluiu a identificação inicial de estudos relevantes na base de dados, a seleção criteriosa de artigos de acordo com os critérios pré-estabelecidos e a extração das informações relevantes para a pesquisa.

967

RESULTADOS

Na revisão foram inicialmente identificados 334 estudos relacionados ao tema investigado. Aplicando os critérios de seleção, foram excluídos 327 desses estudos (Figura 1). Assim, 07 artigos permaneceram para a análise detalhada, constituindo a base para as discussões apresentadas. A partir desses estudos selecionados, foi extraído o autor(es), ano de publicação, título e principais resultados (Quadro 1).

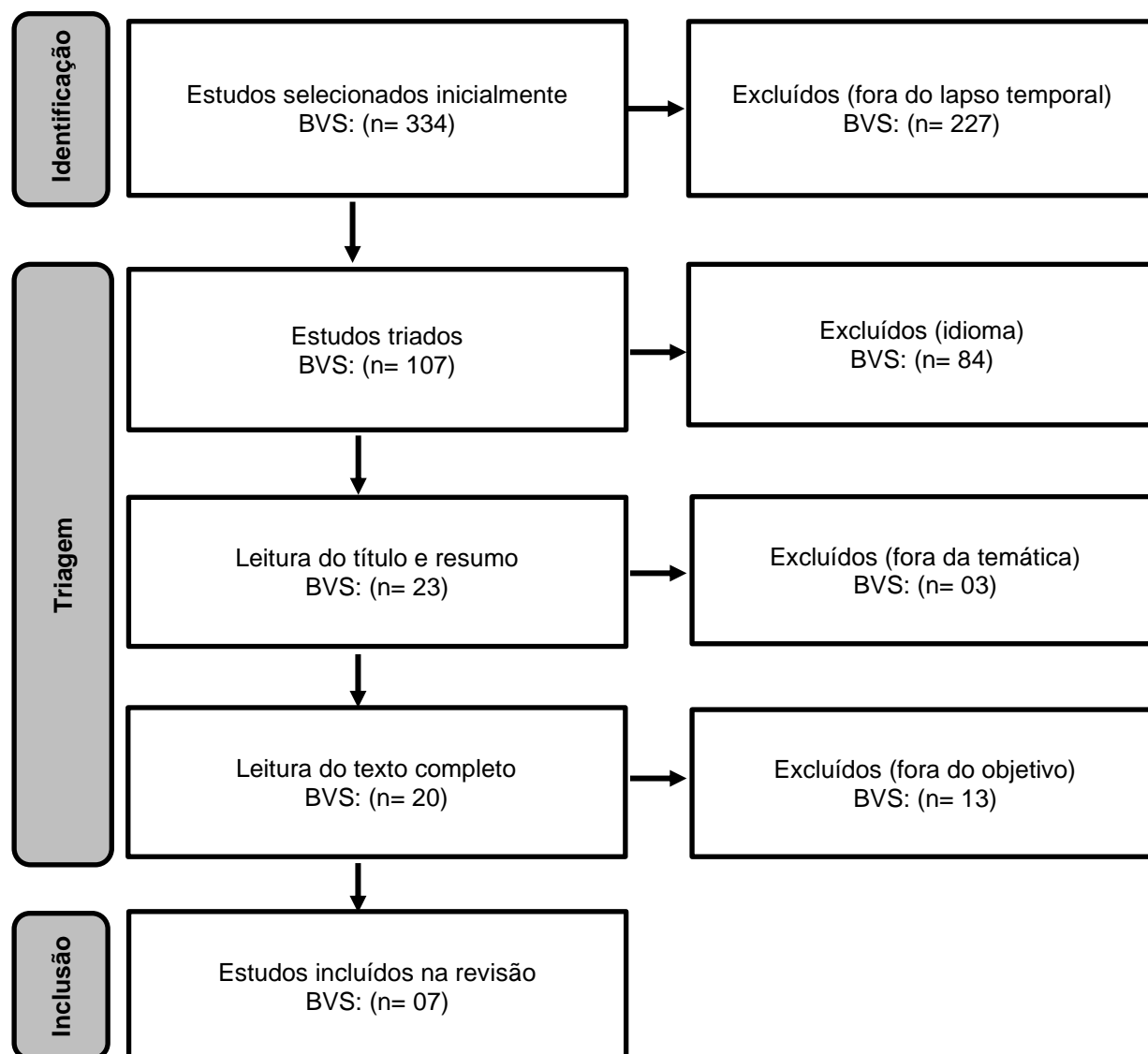
Quadro 1. Caracterização dos estudos.

Autor(es)/Ano	Título	Resultados
FEIFER GP et al., (2020)	Cuidados de enfermagem a pessoa com transtorno do espectro autista: revisão de literatura	Constata-se que os profissionais necessitam ampliar seus conhecimentos sobre o tema para fundamentar suas ações de proteção e educação em saúde, contribuindo para o diagnóstico precoce. No entanto, para aprimorar a qualidade do cuidado, é essencial investir em capacitações, permitindo que os profissionais ofereçam uma assistência integral ao paciente e sua família, promovendo melhorias em sua qualidade de vida.

NUNES AKA et al., (2020)	Assistência de enfermagem à criança com autismo	Fatores ambientais e genéticos estão relacionados à fisiopatologia do transtorno, enquanto os antipsicóticos e a medicina complementar e alternativa mostram-se eficazes no controle das manifestações clínicas do autismo. Além disso, os cuidados de enfermagem desempenham um papel crucial no acompanhamento dos pacientes.
RIBAS LB, ALVES M (2020)	O Cuidado de Enfermagem a criança com transtorno do espectro autista: um desafio no cotidiano	A assistência prestada pelo enfermeiro a crianças autistas ainda é um desafio para muitos profissionais, principalmente devido à escassez de estudos científicos sobre o tema. Conclui-se, portanto, que é essencial incluir essa temática na formação acadêmica, visando fomentar pesquisas que qualifiquem os enfermeiros e promovam uma assistência mais adequada e especializada.
PIMENTA CGS, AMORIM ACS (2021)	Atenção e Cuidado de Enfermagem às Crianças Portadoras do Transtorno do Espectro Autista e seus Familiares	O diagnóstico de autismo impacta a estrutura e a rotina familiar, mas com o apoio e a orientação da enfermagem, o desenvolvimento da criança pode ser favorecido. Observou-se, ainda, que para oferecer uma assistência humanizada, é essencial que os enfermeiros possuam conhecimento sobre o autismo e estejam preparados para realizar o acolhimento, a orientação e os cuidados de forma adequada.
CARVALHO AS et al., (2022)	Assistência em enfermagem a crianças com autismo: revisão integrativa de 2017 a 2022	As descobertas indicam que o enfermeiro desempenha um papel fundamental desde a primeira consulta de puericultura, na escola, no aprendizado do autocuidado e na orientação às famílias. A educação permanente desses profissionais é essencial para oferecer uma assistência qualificada, aliada à empatia, visão holística e uso de estratégias diversas. Essas abordagens visam proporcionar cuidados individuais e de qualidade para as crianças e suas famílias, ajudando a minimizar os impactos dos sintomas antes e após o diagnóstico.
CONTERNO JR et al., (2022)	Assistência de enfermagem a criança com transtorno de espectro autista: revisão integrativa	A assistência de enfermagem à criança com TEA concentra-se em estratégias e recursos terapêuticos que promovam o desenvolvimento do autocuidado e a inclusão no ambiente escolar. No entanto, constatou-se que o conhecimento da equipe de enfermagem sobre o TEA ainda é limitado, o que impacta a qualidade da assistência prestada a essas crianças.
SILVA MVB et al., (2024)	Desafios e potencialidades do cuidado de enfermagem ao binômio mãe-filho no transtorno do espectro autista	A atuação do enfermeiro no contexto do Transtorno do Espectro Autista destaca-se pelo cuidado tanto ao paciente quanto à sua família, por meio de orientações e atividades colaborativas. Seu trabalho é essencial para promover melhorias no desenvolvimento e na qualidade de vida de ambos.

Fonte: Autoras da Pesquisa (2025).

Figura 1. Fluxograma de seleção dos estudos.



Fonte: Autoras da Pesquisa (2025).

DISCUSSÃO

AUTISMO: MANIFESTAÇÕES CLÍNICAS E DESAFIOS NO DIAGNÓSTICO

O TEA é uma condição neurodesenvolvimental caracterizada por dificuldades em comunicação social, comportamentos repetitivos e interesses restritos. Embora as manifestações clínicas variem amplamente em intensidade e forma, o diagnóstico baseia-se em critérios estabelecidos pelo O Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5), abrangendo um espectro de condições com diferentes graus de comprometimento

(EVANGELHO VGO et al., 2021).

As alterações na comunicação social são um dos principais aspectos do TEA. Algumas crianças apresentam atraso no desenvolvimento da fala ou ausência total dela, enquanto outras conseguem falar, mas enfrentam dificuldades em manter uma conversa ou interpretar nuances sociais, como tom de voz ou expressões faciais. Além disso, o uso de gestos e linguagem corporal é muitas vezes atípico ou limitado (PASSARELLI DA et al., 2023).

Outro aspecto relevante envolve comportamentos repetitivos e padrões de interesse restritos. Crianças com autismo podem exibir comportamentos como alinhar objetos, balançar o corpo ou repetir palavras e frases. Esses padrões podem se manifestar como uma forma de autorregulação em resposta a estímulos sensoriais que, no caso de indivíduos autistas, podem ser percebidos como avassaladores ou incomuns (KIUQIO TCO et al., 2018).

A sensibilidade sensorial é outro fator significativo nas manifestações clínicas. Crianças com TEA podem ser hipersensíveis ou hipersensíveis a estímulos como luz, som, textura ou temperatura. Essa peculiaridade pode influenciar sua interação com o ambiente e a forma como respondem a determinadas situações, impactando o desempenho em atividades diárias (ARAÚJO MFN et al., 2022).

Os sinais de autismo geralmente aparecem precocemente, antes dos três anos de idade. Alguns bebês demonstram pouco interesse em interações sociais, não respondendo a seus nomes ou evitando contato visual. Já outros podem desenvolver habilidades normalmente até uma certa idade e, em seguida, apresentar regressão em áreas como fala e sociabilidade (ARAÚJO MFN et al., 2022).

Além disso, os déficits no desenvolvimento cognitivo podem estar presentes, mas não são obrigatórios. Algumas crianças com TEA possuem inteligência média ou acima da média, enquanto outras podem apresentar dificuldades significativas. Essa diversidade reflete a complexidade do espectro, exigindo avaliações individualizadas para cada caso (EVANGELHO VGO et al., 2021).

Comorbidades são comuns no TEA, incluindo transtornos de ansiedade, hiperatividade, epilepsia e distúrbios do sono. Tais condições podem agravar os desafios enfrentados pela criança e sua família, além de influenciar o planejamento terapêutico e educacional (PASSARELLI DA et al., 2023).

É importante destacar que as manifestações clínicas do TEA não definem o indivíduo. Embora os desafios sejam significativos, muitos autistas demonstram habilidades excepcionais

em áreas específicas, como memória, lógica ou criatividade. O reconhecimento precoce dessas manifestações e o apoio adequado podem transformar positivamente o desenvolvimento e a qualidade de vida dessas crianças (VIANA EA; MANRIQUE AL, 2019).

A identificação precoce do TEA é essencial para a implementação de intervenções eficazes. As manifestações clínicas podem variar em intensidade, mas a observação de sinais como atraso no desenvolvimento da linguagem, ausência de brincadeiras simbólicas e dificuldade em interagir com outras crianças pode indicar a necessidade de uma avaliação especializada. Essa identificação precoce possibilita a elaboração de planos terapêuticos que potencializam as habilidades da criança, promovendo um melhor prognóstico (OLIVEIRA CRA et al., 2021).

Outro aspecto relevante das manifestações clínicas é a presença de dificuldades no desenvolvimento emocional e comportamental. Muitas crianças com TEA enfrentam desafios na expressão de emoções ou na regulação emocional diante de situações de frustração ou mudança de rotina. Esses desafios podem se manifestar por meio de crises de comportamento, episódios de agressividade ou isolamento social. É fundamental que os cuidadores e profissionais estejam preparados para lidar com essas situações de forma empática e eficaz (VIANA EA; MANRIQUE AL, 2019).

971

A diversidade do espectro autista também inclui crianças com habilidades avançadas em áreas específicas. Conhecido como "ilhas de excelência", esse fenômeno pode ser observado em áreas como cálculo matemático, memorização de informações ou habilidades artísticas. Apesar dessas capacidades, as crianças com TEA podem ter dificuldades em integrar essas habilidades no contexto social ou acadêmico, o que ressalta a importância de abordagens educacionais personalizadas (OLIVEIRA CRA et al., 2021).

As manifestações clínicas do autismo devem ser compreendidas sob uma perspectiva holística. O TEA não é definido apenas pelos déficits, mas também pelas potencialidades únicas de cada indivíduo. A sociedade, os profissionais de saúde e as famílias devem adotar uma visão inclusiva, que valorize as diferenças e promova a participação ativa das pessoas com TEA em todas as esferas da vida. Isso inclui não apenas o suporte clínico, mas também a criação de ambientes acessíveis e acolhedores (OLIVEIRA CRA et al., 2021).

A IMPORTÂNCIA DO ATENDIMENTO MULTIDISCIPLINAR NO CUIDADO À CRIANÇA COM AUTISMO

O atendimento multidisciplinar à criança com TEA é essencial para abordar as diversas necessidades decorrentes da condição. Este modelo de intervenção reúne profissionais de diferentes áreas, como pediatria, psicologia, fonoaudiologia, terapia ocupacional e educação, com o objetivo de promover o desenvolvimento global da criança e melhorar sua qualidade de vida. A colaboração entre os especialistas é fundamental para criar um plano de tratamento individualizado que atenda às especificidades de cada caso (FERREIRA W et al., 2018).

A fonoaudiologia, por exemplo, desempenha um papel crucial no desenvolvimento da comunicação, seja por meio da estimulação da fala ou do uso de recursos alternativos, como sistemas de comunicação aumentativa. Paralelamente, a terapia ocupacional trabalha habilidades motoras e de integração sensorial, ajudando a criança a adaptar-se ao ambiente e desenvolver maior autonomia. Já a psicologia foca no suporte emocional e comportamental, tanto para a criança quanto para os familiares, fornecendo estratégias para lidar com desafios diários (CARDOSO RRA et al., 2021).

A educação inclusiva também é uma peça-chave no atendimento multidisciplinar. Professores e pedagogos especializados colaboram com outros profissionais para adaptar o currículo e criar um ambiente escolar acessível e acolhedor. Além disso, o papel da família é central nesse processo, sendo considerada uma parceira ativa no desenvolvimento da criança. Capacitar os pais e cuidadores, por meio de orientações e treinamentos, fortalece a rede de suporte e contribui para o sucesso das intervenções (SERBAI F et al., 2021).

O atendimento à família vai além de orientações práticas e inclui também o suporte emocional. O diagnóstico de TEA pode trazer desafios emocionais significativos para os pais, que muitas vezes enfrentam sentimento de culpa, insegurança ou sobrecarga. O suporte psicológico para os familiares ajuda a reduzir o estresse e promove o fortalecimento de vínculos positivos entre a criança e sua rede de apoio, essencial para seu bem-estar (GAIA BLS et al., 2022).

A integração entre os profissionais da saúde, educação e assistência social é uma das principais características do atendimento multidisciplinar. Reuniões regulares entre a equipe possibilitam a troca de informações, alinhamento de estratégias e avaliação contínua dos progressos da criança. Essa abordagem integrada assegura que todos os aspectos do desenvolvimento da criança sejam considerados, proporcionando intervenções mais eficazes

(RIBEIRO FO et al., 2019).

Um desafio importante no atendimento multidisciplinar é a acessibilidade. Muitos serviços especializados estão concentrados em grandes centros urbanos, dificultando o acesso de famílias em áreas remotas ou de baixa renda. Políticas públicas voltadas à ampliação e descentralização desses serviços são cruciais para garantir que todas as crianças com TEA e suas famílias tenham acesso ao cuidado necessário (FERREIRA W et al., 2018).

Além disso, o envolvimento da comunidade no atendimento multidisciplinar pode fazer uma diferença significativa. A conscientização sobre o TEA e o treinamento de profissionais que lidam indiretamente com a criança, como professores regulares, médicos de atenção primária e cuidadores, podem complementar o trabalho da equipe especializada, criando uma rede de suporte mais ampla e eficaz (RIBEIRO FO et al., 2019).

Por fim, o atendimento multidisciplinar é um processo contínuo que se adapta às mudanças nas necessidades da criança e da família ao longo do tempo. À medida que a criança cresce e enfrenta novos desafios, como a transição para a adolescência ou a busca por inserção no mercado de trabalho, a equipe deve ajustar suas estratégias, garantindo que o apoio seja sempre adequado às novas demandas (GAIA BLS et al., 2022).

O atendimento multidisciplinar também desempenha um papel fundamental no estímulo à inclusão social. Muitas crianças com TEA enfrentam barreiras para participar de atividades comunitárias, culturais e recreativas devido às limitações de comunicação ou comportamento. Profissionais especializados trabalham em conjunto com a família e instituições para criar estratégias que permitam a inserção da criança nesses contextos, promovendo sua interação social e aumentando sua qualidade de vida (SERBAI F et al., 2021).

Outro ponto relevante é o uso de tecnologias assistivas no contexto do atendimento multidisciplinar. Recursos como aplicativos de comunicação, jogos educativos adaptados e dispositivos sensoriais são frequentemente incorporados às intervenções, ajudando a ampliar as possibilidades de aprendizado e interação da criança. Esses avanços tecnológicos, quando alinhados com o planejamento terapêutico, potencializam os resultados e oferecem ferramentas inovadoras para o desenvolvimento infantil (SERBAI F et al., 2021).

A capacitação contínua dos profissionais envolvidos no atendimento multidisciplinar é indispensável para garantir intervenções baseadas nas melhores evidências científicas disponíveis. Isso inclui a atualização em técnicas terapêuticas, abordagens pedagógicas e recursos tecnológicos. Eventos como cursos, workshops e seminários contribuem para que a

equipe esteja preparada para lidar com os desafios complexos que surgem no manejo de casos de TEA (FERREIRA W et al., 2018).

Por fim, o sucesso do atendimento multidisciplinar depende de uma abordagem centrada na criança e sua família. É essencial que os profissionais valorizem as particularidades de cada caso, respeitando os desejos, valores e prioridades dos pais no processo de intervenção. Essa abordagem personalizada fortalece a relação entre a equipe e a família, resultando em um suporte mais eficaz e em resultados no desenvolvimento da criança (GAIA BLS et al., 2022).

O PAPEL DA ENFERMAGEM NO CUIDADO INTEGRAL À CRIANÇA COM AUTISMO

Os cuidados de enfermagem à criança com TEA exigem uma abordagem individualizada e centrada nas necessidades específicas de cada criança. A enfermeira desempenha um papel essencial no planejamento e execução de ações que promovam a saúde e o bem-estar, respeitando as particularidades do desenvolvimento infantil e os desafios do espectro autista. Além disso, o cuidado deve envolver tanto a criança quanto sua família, em um processo colaborativo e humanizado (RIBAS LB et al., 2020).

Um aspecto fundamental nos cuidados de enfermagem é a criação de um ambiente acolhedor e estruturado. Crianças com TEA podem sentir-se desconfortáveis em ambientes desconhecidos ou não adaptados às suas necessidades sensoriais. A enfermeira deve identificar fatores ambientais que podem desencadear desconforto, como ruídos, luzes intensas ou mudanças abruptas na rotina, e implementar medidas que minimizem esses estímulos, promovendo um atendimento mais tranquilo (NUNES AKA et al., 2020).

A comunicação é outro desafio significativo no cuidado à criança com TEA. Muitas vezes, essas crianças apresentam dificuldades para expressar necessidades, dores ou desconfortos, exigindo que a enfermeira desenvolva estratégias de comunicação alternativas. Isso pode incluir o uso de gestos, imagens ou dispositivos de comunicação assistiva. A compreensão das preferências comunicativas da criança é essencial para garantir que suas necessidades sejam atendidas de forma eficaz (CONTERNO JR et al., 2022).

O acompanhamento do estado de saúde geral da criança também é uma prioridade nos cuidados de enfermagem. Crianças com TEA podem apresentar comorbidades, como distúrbios gastrointestinais, epilepsia e distúrbios do sono, que necessitam de monitoramento contínuo. A enfermeira deve avaliar regularmente o estado físico e mental da criança,

identificando precocemente sinais de alterações que possam exigir intervenção médica ou terapêutica (CONTERNO JR et al., 2022).

Além dos cuidados diretos à criança, a enfermagem tem um papel educativo junto à família. É essencial fornecer orientações claras e práticas sobre o manejo de situações do dia a dia, como crises sensoriais, adesão a tratamentos e estabelecimento de rotinas. Capacitar os pais e cuidadores contribui para a construção de um ambiente doméstico mais estável e seguro, favorecendo o desenvolvimento da criança (CARVALHO AS et al., 2022).

O suporte emocional também é uma dimensão importante do cuidado. As famílias de crianças com TEA frequentemente enfrentam desafios emocionais e sociais, como o estresse decorrente da sobrecarga de cuidados ou o estigma associado ao autismo. A enfermeira pode oferecer suporte psicológico inicial, identificar sinais de sofrimento emocional na família e encaminhar para profissionais especializados, quando necessário (PIMENTA CGS, AMORIM ACS, 2021).

Outro ponto relevante nos cuidados de enfermagem é a promoção da inclusão social da criança. A enfermeira pode atuar como mediadora entre a família e as instituições escolares ou comunitárias, ajudando a adaptar atividades às necessidades da criança e promovendo sua participação em diferentes contextos sociais. Essa integração é essencial para o fortalecimento do desenvolvimento emocional e social (PIMENTA CGS, AMORIM ACS, 2021).

975

A abordagem da enfermagem deve ser contínua e adaptável, acompanhando as mudanças nas necessidades da criança com o passar do tempo. A transição de fases da vida, como da infância para a adolescência, pode trazer novos desafios e exigências, tanto para a criança quanto para sua família. Assim, a enfermagem deve ajustar o plano de cuidados conforme necessário, garantindo que ele continue a atender às demandas específicas e promova o bem-estar global da criança e de sua família, especialmente diante dos desafios (SILVA MVB et al., 2024).

A interação da enfermagem com a equipe multidisciplinar é indispensável no cuidado à criança com autismo. A enfermeira desempenha um papel integrador, compartilhando informações essenciais sobre a saúde da criança e colaborando na elaboração de estratégias conjuntas. Essa interação promove uma abordagem holística, considerando não apenas os aspectos clínicos, mas também as necessidades emocionais, sociais e educacionais da criança (FEIFER GP et al., 2020).

Outro aspecto crucial nos cuidados de enfermagem é a administração de medicamentos. Algumas crianças com TEA necessitam de intervenções farmacológicas para tratar condições associadas, como transtornos de ansiedade, hiperatividade ou epilepsia. A enfermeira deve garantir a administração correta dos medicamentos, monitorar efeitos colaterais e orientar a família sobre a importância da adesão ao tratamento (SILVA MVB et al., 2024).

A avaliação de hábitos alimentares também é uma prioridade no cuidado de enfermagem. Crianças com TEA podem apresentar seletividade alimentar, o que pode levar a deficiências nutricionais. A enfermeira pode orientar a família sobre estratégias para diversificar a dieta e trabalhar em parceria com nutricionistas para garantir que a criança receba os nutrientes necessários para seu desenvolvimento (RIBAS LB, ALVES M, 2020).

Por fim, a prática de enfermagem no cuidado à criança com autismo deve ser fundamentada no respeito à individualidade e à dignidade do paciente. Cada criança apresenta características únicas dentro do espectro autista, e a enfermeira deve adaptar suas ações de acordo com essas especificidades. A empatia, a paciência e o cuidado humanizado são elementos essenciais para estabelecer uma relação de confiança e proporcionar um atendimento que realmente faça a diferença na vida da criança e de sua família (SILVA MVB et al., 2024).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

976

A partir das análises realizadas, fica claro que o papel do enfermeiro no atendimento de crianças com autismo é mais complexo e exigente do que geralmente se imagina. Existe uma necessidade urgente de investimentos reais em capacitação contínua e especializada, pois muitos profissionais ainda encontram dificuldades consideráveis para lidar com situações práticas do dia a dia, como crises sensoriais intensas, dificuldades na comunicação e comportamentos imprevisíveis típicos do espectro autista. Além disso, é fundamental repensar os ambientes de cuidado, tornando-os mais adaptados às sensibilidades dessas crianças, o que exige ações concretas e não apenas esforços isolados dos profissionais envolvidos.

Outro aspecto que merece atenção especial é a necessidade de incluir as famílias como parceiras fundamentais no processo de cuidado. Muitas vezes, os familiares se sentem sobrecarregados diante do diagnóstico e das dificuldades cotidianas associadas ao autismo, enfrentando inclusive o isolamento social devido ao estigma ainda presente na sociedade. Neste sentido, cabe à enfermagem não somente prestar um atendimento clínico qualificado, mas também oferecer suporte emocional e informativo aos pais e responsáveis, ajudando-os a

entender melhor a condição dos filhos e fornecendo ferramentas práticas para o dia a dia. Esse acolhimento mais próximo e humanizado é essencial para diminuir as angústias das famílias e promover uma maior qualidade de vida para todos os envolvidos.

Por fim, destaca-se a importância da colaboração efetiva entre os diferentes profissionais que compõem a equipe multidisciplinar. A enfermagem, apesar de desempenhar um papel central, não consegue suprir todas as demandas das crianças autistas de forma isolada. É preciso um diálogo constante e produtivo com médicos, terapeutas ocupacionais, psicólogos, fonoaudiólogos e educadores, visando um acompanhamento mais completo e integrado. Essa comunicação interprofissional não apenas melhora os resultados das intervenções como também enriquece o próprio processo de aprendizagem dos profissionais envolvidos, criando um ambiente de trabalho mais satisfatório, colaborativo e eficaz em prol do bem-estar integral da criança com TEA e de sua família.

REFERÊNCIAS

ARAUJO AGR, et al. Autismo, neurodiversidade e estigma: perspectivas políticas e de inclusão. *Psicologia Escolar e Educacional*, 2023; 27: e247367.

ARAUJO MFN, et al. Autismo, níveis e suas limitações: uma revisão integrativa da literatura. *PhD Scientific Review*, 2022; 2(05): 8-20.

BRASIL SKD, et al. Atuação do enfermeiro no acompanhamento do crescimento e desenvolvimento da criança. *Dissertação (Mestrado em Assistência à Saúde) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte*, Natal, 2013; 118f.

CARDOSO RRA, et al. Alergias e autismo: considerações imunológicas e terapêuticas. *Revista Brasília Médica*, 2021; 58(Anual): 1-4.

CARVALHO AS et al. Assistência em Enfermagem a Crianças com Autismo: revisão integrativa de 2017 a 2022. *Revista Científica Multidisciplinar (RECIMAZ)*, 2022; 3(6): e361523-e361523.

CONTERNO JR et al. Assistência de enfermagem a criança com Transtorno de Espectro Autista: Revisão integrativa. *Varia Scientia-Ciências da Saúde*, 2022; 8(2): 191-200.

EVANGELHO VGO, et al. Autismo no Brasil: uma revisão sobre estudos em neurogenética. *Revista Neurociências*, 2021; 29: 1-20.

FEIFER GP, et al. Cuidados de enfermagem à pessoa com transtorno do espectro autista: revisão de literatura. *Revista Uningá*, 2020; 57(3): 60-70.

FERREIRA W, et al. Panorama das publicações nacionais sobre autismo, educação e

tecnologia. In: Brazilian Symposium on Computers in Education (Simpósio Brasileiro de Informática na Educação-SBIE), 2018.

GAIA BLS, et al. Atuação da fisioterapia em crianças com transtorno do espectro autista (TEA): uma revisão da literatura. *Diálogos em Saúde*, 2022; 5(1).

JR WC, et al. A história natural do autismo infantil em um hospital público pediátrico terciário: evoluções com atrasos globais do desenvolvimento, com regressão parcial e plena. *Revista Médica de Minas Gerais*, 2014; 24(2): 150-154.

KIQUIO TCO, et al. O estresse familiar de crianças com transtorno do espectro autismo-TEA. *Revista de Iniciação Científica*, 2018; 16(1): 1-12.

NUNES AKA et al. Assistência de enfermagem à criança com autismo. *Research, Society and Development*, 2020; 9(11): e86991110114-e86991110114.

OLIVEIRA CRA, et al. Neurobiologia do autismo infantil. *Research, Society and Development*, 2021; 10(1): e11910111495-e11910111495.

PAGE MJ, et al. A declaração PRISMA 2020: diretriz atualizada para relatar revisões sistemáticas. *Revista Panamericana de Saúde Pública*, 2023; 46: e112.

PASSARELLI DA, et al. Treino de habilidades sociais em crianças e adolescentes com autismo: uma revisão de artigos empíricos. *Perspectivas em Análise do Comportamento*, 2023; 084-096.

PIMENTA CGS, AMORIM ACS. Atenção e cuidado de enfermagem às crianças portadoras do transtorno do espectro autista e seus familiares. *Ensaio e Ciência: Ciências Biológicas, Agrárias e da Saúde*, 2021; 25(3): 381-389.

RIBAS LB, ALVES, M. O Cuidado de Enfermagem a criança com transtorno do espectro autista: um desafio no cotidiano. *Revista Pró-univerSUS*, 2020; 11(1): 74-79.

RIBEIRO FO, et al. Os efeitos da equoterapia em crianças com autismo. *Fisioterapia Brasil*, 2019; 20(5).

SERBAI F, et al. Autismo na adolescência: uma revisão integrativa da literatura. *Educação em Revista*, 2021; 37: e26472.

SILVA MVB et al. Desafios e potencialidades do cuidado de enfermagem ao binômio mãe-filho no transtorno do espectro autista. *Revista Enfermagem Atual In Derme*, 2024; 98(1): e024272-e024272.

STRAVOGIANNIS AL. Autismo: um mundo singular. *Literare Books*, 2022.

TONETTO LM, et al. Perspectivas metodológicas na pesquisa sobre o comportamento do consumidor. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 2014; 34: 180-195.

VARELA B, MACHADO PGB. Uma breve introdução sobre autismo. *Cadernos da Escola de*

Educação e Humanidades, 2016; 1(11): 25-39.

VIANA EA, MANRIQUE AL. Cenário das pesquisas sobre o autismo na educação matemática. Educação Matemática em Revista, 2019; 24(64): 252-268.